

O ENTERRO DO COVEIRO.

Por Maria Margarete Soares

Lá em riba no Nordeste
Bem no meio do Agreste
Uma tal Sinhá Maria
Seu quinto filho paria.

Uma vida de miséria
Muito filho, poca fêria
Criscia minino a vontade
Zé feinho e Nha Beldade.

Chão duro suado de terra batida
Vida de seca de morte morrida.
Minino criscia quereno cumê
O pai de desgosto se põe a morrê.

Filho de Maria queria ser grande
Dormia e sonhava que era gigante,
Trabaio, roupa e boa comida.
Coitado do moço que nada valia.

Filho de Maria...nem nome ele tinha
Queria ter sorte, fugir dessa sina
O tempo passou e chegou fevereiro
Filho de Maria foi lá ser coveiro.

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

A terra tão dura no Sol que brilhava
Ficava molhada, o moço suava.
Mudava o tempo, cortava a garoa.
Cuspia pra cima, a sorte era boa.

Se passa o tempo, e ele travaia.
Enterra o sargento e o padre de saia
Enterra a vizinha, e a rapariga
Enterra o pobre e a véia rica.

Um dia daqueles que é corriqueiro
Coitado do moço! morreu o coveiro...
Quem agora enterrar iria?
Se só havia ele: o filho de Maria.

Passou um tempão e o moço deitado
Aquele serviço era do coitado
Quem é que agora enterrar iria?
Se só havia ele: o filho de Maria.

Juntava as gentes, e ninguém queria
Fazer bem feito o que ele fazia.
O povo juntando morrendo de medo
Coitado do moço, que a tarde, foi cedo.

O tempo passando e a noite caindo...
O moço jazia, com os olhos dormindo.

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

Coveiro mesmo já não havia
Cansou de morrer o filho de Maria.

De força suprema o corpo munido
Acordava do sono: - Estou vivo ou murrido?
Como coveiro ali não havia,
Assim, dismorreu o filho de Maria.